

The background of the cover is a deep blue, underwater scene. The floor is made of square tiles, and the walls are also tiled. A ring is visible on the wall to the left. The lighting is dim, creating a mysterious and somber atmosphere.

A  
NOITE  
EM QUE ELA  
DESAPARECEU

LISA JEWELL



A  
NOITE  
EM QUE ELA  
DESAPARECEU

LISA JEWELL

Tradução de Stefano Volp



Copyright © 2021 by Lisa Jewell

TÍTULO ORIGINAL

The Night She Disappeared

COPIDESQUE

Fernanda Cosenza

REVISÃO

Stella Carneiro

Beatriz Araujo

DIAGRAMAÇÃO

DTPPhoenix Editorial

DESIGN DE CAPA

James Iacobelli

IMAGENS DE CAPA

Adobe Stock (anel) e Stocksy (piscina)

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

J56n Jewell, Lisa

A noite em que ela desapareceu / Lisa Jewell;  
tradução Stefano Volp. – 1. ed. – Rio de Janeiro:  
Intrínseca, 2024.

Tradução de: The night she disappeared

ISBN 978-85-510-0687-0

1. Romance inglês. I. Volp, Stefano. II. Título.

23-87322

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária – CRB-7/6439

[2024]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro - RJ

CEP 22640-904

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Este livro é dedicado ao meu pai*

## Aracnofobia

Aracnofobia. É uma daquelas palavras que soam tão mal quanto aquilo que descrevem. A forte pronúncia de “arac” sugere os ângulos repulsivos das pernas de uma aranha; a suavidade do “fo” é como uma terrível onda de náusea que inunda o estômago com a insinuação de um movimento repentino; o audível “no” em seu centro faz o cérebro gritar, enojado, “nãonãonã”.

Tallulah sofre de aracnofobia.

Tallulah está no escuro.

# Parte Um

# 1

JUNHO DE 2017

O bebê começa a resmungar. Quieta na cadeira, Kim prende a respiração. Ela levou a noite toda para fazê-lo dormir. É sexta-feira, uma noite abafada de verão, e normalmente ela teria saído com os amigos. Onze horas: deveria estar no bar tomando a saideira. Mas esta noite Kim vestiu uma calça de moletom e uma camiseta, prendeu seu cabelo escuro em um coque e colocou os óculos em vez das lentes de contato. Em cima da mesa de centro, há uma taça de vinho em temperatura ambiente que serviu para si mesma mais cedo e não teve a chance de beber.

Ela abaixa o volume da TV usando o controle remoto e escuta outra vez.

Lá estão, os primeiros indícios de choro, uma espécie de canto seco e agourento.

Kim nunca gostou muito de bebês. Gostava o suficiente dos seus, mas achava os primeiros anos difíceis e incompatíveis com sua rotina. Desde a primeira vez que seus dois filhos dormiram a noite inteira, Kim passou a supervalorizar, talvez de maneira desproporcional, uma boa noite de sono. Teve filhos cedo, e ainda tinha tempo e espaço em seu coração para mais um ou dois. Só não aguentaria ficar sem dormir de novo. Durante anos, tentou manter uma rotina de sono saudável. Usava máscaras para dormir e tampões de ouvido, sprays de travesseiro e enormes potes de melatonina que uma amiga trouxera dos Estados Unidos.

Até que, há pouco mais de um ano, sua filha adolescente, Tallulah, teve um filho. E agora Kim é avó aos trinta e nove anos, há novamente um bebê chorando em sua casa, e parece que faz *pouquíssimo* tempo que seus próprios bebês pararam de chorar.

Apesar de ter acontecido dez anos antes de ela se considerar pronta, ter um neto é uma grande bênção. O nome dele é Noah, e ele tem cabelos escuros como os de Kim e de seus dois filhos (ela sempre gostou de bebês com cabelo escuro; os de cabelo loiro a assustam). Noah tem olhos que oscilam entre o castanho e o âmbar dependendo da luz, e pernas e braços firmes, com gordurinhas nos pulsos. Sorri e gargalha à toa, e consegue se divertir sozinho, às vezes por até meia hora. Kim cuida dele quando Tallulah vai para a faculdade e de vez em quando entra em pânico ao perceber que não o ouviu fazer barulho por alguns minutos. Ela costuma correr até a cadeirinha alta, a de balanço ou o canto do sofá para ver se ele ainda está vivo e o encontra imerso em pensamentos enquanto vira as páginas de um livro de tecido.

Noah é um bebê encantador. Mas não gosta de dormir. Kim acha isso estressante e até meio sombrio.

No momento, Tallulah e Noah, assim como Zach, o pai dele, moram com Kim. Noah dorme no meio deles na cama de casal de Tallulah. Kim costuma deixar ruído branco tocando no celular e, com a ajuda de seus fones de ouvido, evita o barulho provocado pela insônia de Noah durante a noite.

Mas esta noite Zach levou Tallulah para o que eles chamam de “encontro”, o que soa ultrapassado para um casal aos dezenove anos. Eles foram ao mesmo pub em que Kim normalmente estaria sentada. Na saída, ela passou discretamente uma nota de vinte libras a Zach e lhes disse para se divertirem. É a primeira vez que eles saem como casal desde antes do nascimento de Noah. Os dois se separaram durante a gravidez de Tallulah e reataram há seis meses, quando Zach prometeu ser o melhor pai do mundo. E, até agora, estava cumprindo sua palavra.

O choro de Noah aumenta. Kim suspira e se levanta.

Nesse momento, seu celular vibra com uma mensagem.



*Mãe, tem uma galera da faculdade aqui, convidaram a gente pra ir na casa deles. Só por uma horinha. Tudo bem? ☺*

Então, enquanto ela digita uma resposta, outra mensagem chega.

*Tudo ok com o Noah?*

*Noah tá bem, ela digita. Parece um anjinho. Vai lá se divertir. Pode ficar o quanto quiser. Te amo.*

Kim sobe a escada e vai até o berço de Noah, desolada com a perspectiva de passar mais uma hora balançando, acalmando, suspirando e sussurrando no escuro enquanto a lua paira lá fora no céu ameno do solstício de verão, ainda com algumas manchas da luz do dia. O vazio da casa ecoa enquanto a maioria das pessoas se diverte nos bares. Mas, quando ela se aproxima do bebê, o luar atinge a sua bochecha e ela vê os olhos dele se iluminarem ao vê-la, ouve aquela respiração de alívio por alguém ter vindo e vê seus bracinhos se estenderem para ela.

Ela o ampara contra o peito e diz: “Qual é o problema agora, rapazinho? Qual é o problema?” E seu coração de repente se expande e se contrai diante da constatação de que esse menino é uma parte dela, de que ele a ama, de que não precisa da presença da mãe, que está contente que *ela* o conforte na calada da noite.

Ela leva Noah para a sala e o coloca sentado em seu colo. Dá a ele o controle remoto para brincar; ele adora apertar os botões, mas Kim percebe que ele está cansado demais para isso e quer dormir. À medida que o corpo dele pesa sobre o seu, ela sabe que deveria colocá-lo de volta no berço para que ele durma bem, adote bons hábitos, tudo isso, mas agora Kim também está cansada. As pálpebras pesam. Ela puxa a manta do sofá para o colo, ajusta a almofada atrás da cabeça e, junto a Noah, cai silenciosamente em um sono tranquilo.

Kim acorda de repente, várias horas depois. A breve noite de solstício de verão está quase no fim, e é possível ver o céu clareando pela janela da sala com as primeiras rajadas do sol quente matinal. Ela endireita o pescoço e sente todos os músculos reclamarem. Noah ainda está

dormindo profundamente. Kim o ajusta com delicadeza para alcançar o celular. São quatro e vinte da manhã.

Ela sente a irritação emergindo. Tudo bem que deu permissão a Tallulah para chegar mais tarde, mas isso já é demais. Procura o número da filha e liga para ela. A chamada cai direto na caixa postal, então decide ligar para Zach. Caixa postal outra vez.

*Talvez, ela pensa, os dois tenham chegado tarde, visto Noah dormindo em cima dela e concluído que seria bom ter a cama só para eles.* Ela os imagina olhando-a pela porta da sala, tirando os sapatos, subindo a escada na ponta dos pés e pulando na cama vazia em um emaranhado de braços e pernas em meio a beijos bêbados e risonhos.

Bem devagar e com cuidado, ela aconchega Noah contra o corpo e se levanta do sofá. Sobe a escada e vai até a porta do quarto de Tallulah. Está aberta, como Kim deixou às onze horas da noite anterior, quando foi buscar Noah. Ela o deita suavemente no berço e, por um milagre, ele não se move. Em seguida, senta-se ao lado da cama de Tallulah e liga de novo.

Mais uma vez, cai na caixa postal. Liga para Zach. Caixa postal. Esse vaivém continua por mais uma hora. O sol nasceu; já é de manhã, mas ainda muito cedo para ligar para outra pessoa. Então Kim faz um café, corta uma fatia do pão de fermentação natural que sempre compra para Tallulah no fim de semana e o come com manteiga, além de um pouco de mel do apicultor que mora no fim da rua e vende seus produtos de porta em porta. E fica esperando o dia começar.

## 2

AGOSTO DE 2018

— Sr. Gray! Bem-vindo!

Sophie vê um homem de cabelos grisalhos caminhando em direção a eles pelo corredor forrado com painéis de madeira. Ele já está com a mão estendida para um cumprimento, embora ainda esteja a uns três metros de distância.

Chega até Shaun e agarra a mão dele calorosamente, envolvendo-a nas suas mãos como se Shaun fosse uma criança com mãos frias que precisam ser aquecidas.

Então ele se vira para Sophie e diz:

— Sra. Gray! É um prazer conhecê-la, finalmente!

— Srta. Beck, na verdade, desculpe — corrige Sophie.

— Ah, sim, claro. Erro meu. Já sabia disso, srta. Beck. Peter Doody.

Diretor executivo.

Ele sorri para ela. Os dentes brancos demais para um homem de sessenta e poucos anos.

— Ouvi dizer que você é escritora, certo?

Sophie faz que sim com a cabeça.

— O que você escreve?

— Romances policiais — responde ela.

— Romances policiais! Ora, ora! Tenho certeza de que você vai encontrar muita inspiração aqui na Maypole House. Tem sempre alguma coisa acontecendo. Só tome o cuidado de mudar os nomes, hein! — Ele ri alto da própria piada. — Onde você deixou o carro,

inclusive? — pergunta a Shaun, indicando o estacionamento atrás da porta gigante.

— Ah, bem ali, perto do seu — responde Shaun. — Espero que não tenha problema.

— Perfeito, simplesmente perfeito. — Ele olha por cima do ombro de Shaun. — E as crianças?

— Estão com a mãe em Londres.

— Ah, sim, claro.

Puxando as malas, Sophie e Shaun seguem Peter Doody por um dos três longos corredores que fluem do principal. Passam por uma porta dupla e entram em um túnel de vidro que conecta a casa antiga ao bloco moderno. Continuam arrastando a bagagem pela parte traseira desse bloco e descem por um caminho curvo em direção a um pequeno chalé vitoriano. A construção fica de frente para a floresta, cercada por um anel de roseiras que começa a florescer no fim do verão.

Peter tira um molho de chaves do bolso e separa um par numa argolinha de bronze. Sophie já tinha visto o chalé uma vez, quando ainda era a casa do diretor anterior, cheia de móveis e objetos pessoais, cachorros e fotos. Peter destranca a porta e eles o seguem pelo corredor com piso de pedra. As galochas sumiram, as jaquetas impermeáveis e as coleiras dos cães agora estão penduradas nos ganchos. Há um cheiro de fumaça de combustível ali dentro, e uma corrente de ar frio emerge por entre as tábuas do assoalho, dando ao chalé uma estranha sensação invernal no meio de um verão calorento.

A Maypole House está situada na pitoresca cidadezinha de Upfield Common, em Surrey Hills. Era a casa senhorial da cidade até vinte anos atrás, quando foi comprada por uma empresa chamada Magenta, dona de escolas e faculdades em todo o mundo, e se transformou em um internato particular para adolescentes de dezesseis a dezenove anos que foram reprovados na escola. Então, sim, em sua essência, uma escola para fracassados. E o namorado de Sophie, Shaun, agora é o novo diretor.

— Aqui está. — Peter deposita as chaves na mão de Shaun. — Toda de vocês. Quando chega o resto das suas coisas?

— Às três da tarde — responde Shaun.

Peter dá uma olhada no relógio e diz:

— Bem, então você tem um tempinho para almoçar no pub. Por minha conta!

— Ah. — Shaun olha para Sophie. — Err, a gente trouxe comida, na verdade. — Ele indica uma sacola de lona no chão a seus pés.

— Mas obrigado mesmo assim.

Peter não se deixa abalar.

— Bem, só pra vocês saberem, o pub da cidade é excelente. O Swan & Ducks. Do outro lado do parque. Eles têm um cardápio mediterrâneo, com aperitivos turcos e espanhóis. O ensopado de lula é incrível. E a adega é maravilhosa. O gerente vai dar um desconto quando você contar quem é.

Ele olha para o relógio novamente e continua:

— Bom, de qualquer forma, vou deixar vocês dois se acomodarem. Todos os códigos estão aqui. Vão precisar deste pra abrir a garagem, e este é o da porta da frente. O cartão funciona em todas as portas internas. — Ele entrega um cordão para cada um. — Eu volto amanhã de manhã para o nosso primeiro dia de trabalho. Ah, e talvez vocês vejam algumas pessoas com roupas estranhas por aí; a gente recebeu um workshop essa semana, alguma coisa meio *Glee*. Hoje é o último dia, eles vão embora amanhã, e Kerryanne Mulligan, a inspetora... Vocês se conheceram na semana passada, certo?

Shaun assente.

— Ela está cuidando do grupo, então não precisa se preocupar. Acho que é só isso. Exceto, ah... — Ele vai até a geladeira e abre a porta. — Uma coisinha da Magenta pra vocês. — Uma única garrafa de champanhe barato ocupa a geladeira vazia. Ele fecha a porta, coloca as mãos nos bolsos da calça de algodão azul, depois as tira de novo para apertar a mão dos dois.

Peter finalmente vai embora e deixa Shaun e Sophie sozinhos na casa nova pela primeira vez. Os dois se olham, depois observam ao redor e voltam a se olhar. Sophie se abaixa até a bolsa de lona e pega as duas taças de vinho que embalou de manhã enquanto eles se preparavam para deixar a casa de Shaun em Lewisham. Desembrulha-as do papel de seda, coloca-as no balcão e tira a bebida da geladeira.

Então, segura a mão estendida de Shaun e o segue até o jardim. Virado para o oeste, o local já está coberto por sombras a esta hora do dia, mas ainda está quente o suficiente para os dois ficarem sentados lá fora com os braços de fora.

Enquanto Shaun tira a rolha do champanhe e serve uma taça para cada um, Sophie deixa o olhar vagar pela paisagem: um portão de madeira entre as roseiras que formam o limite do jardim dos fundos leva a uma floresta verde e aveludada, intercalada com manchas de gramado onde o sol do meio-dia adentra as copas das árvores, formando poças da cor de ouro. Ela ouve o som dos pássaros chilreando nos galhos. Ouve as bolhas de champanhe efervescendo nas taças. Ouve a própria respiração, o sangue passando pelas veias em suas têmporas.

Percebe que Shaun a observa.

— Obrigado — diz ele. — Muito obrigado.

— Pelo quê?

— Você sabe. — Ele segura as mãos dela. — Tudo que você está sacrificando pra estar aqui comigo. Não mereço você. Não mesmo.

— Você me merece, sim. Eu sou “a segunda opção”, lembra?

Eles sorriem um para o outro. Essa é uma das muitas coisas desagradáveis que Pippa, ex-esposa de Shaun, disse a respeito de Sophie quando descobriu sobre ela. Além disso, “ela parece ter muito mais do que trinta e quatro anos” e “tem uma bunda esquisita e achatada”.

— Bem, seja lá o que você for, você é a melhor. E eu te amo. — Ele beija os nós dos dedos dela com firmeza, depois os solta para que Sophie possa pegar a taça.

— Linda, né? — diz ela, olhando com um ar sonhador pelo portão dos fundos para a floresta. — Até onde ela vai?

— Não tenho ideia — responde ele. — De repente você podia dar um passeio depois do almoço, que tal?

— É — diz Sophie. — Talvez eu vá.

Shaun e Sophie estão juntos há apenas seis meses. Eles se conheceram quando Sophie foi dar uma palestra na escola de Shaun para um grupo de alunos da turma de inglês sobre escrita e publicação de livros. Ele a levou para almoçar como forma de agradecimento. A princípio, Sophie ficou nervosa, como se tivesse feito algo errado — ela não conseguia ignorar o fato de que sair sozinha com um professor mais velho poderia ser visto como algo errado. Mas então Sophie notou que Shaun tinha olhos castanhos muito, muito escuros, quase pretos, ombros largos, uma risada calorosa e uma boca macia. Ele não usava aliança e flertou com ela o tempo inteiro, e, no dia seguinte, Sophie recebeu um e-mail dele, agradecendo-lhe por ter vindo e perguntando se ela gostaria de conhecer, quem sabe sexta à noite, o novo restaurante coreano sobre o qual eles conversaram durante o almoço no dia anterior. Sophie logo pensou: *Nunca saí com um homem na casa dos quarenta, nunca saí com um homem que usa gravata para trabalhar, e a verdade é que não saio com ninguém há cinco anos, e eu realmente queria conhecer o novo restaurante coreano, então por que não?*

Foi durante o primeiro encontro que Shaun disse a ela que aquele era seu último ano na escola em Lewisham, onde era professor das turmas de pré-vestibular, e que ele iria para Surrey Hills ser diretor de um colégio interno particular. Ele nunca quis trabalhar no setor privado, em um escritório forrado de mogno, mas acabou aceitando a proposta porque a ex-esposa, Pippa, estava planejando transferir os gêmeos da ótima escola pública em que estudavam havia três anos para uma escola particular que custava uma fortuna, e esperava que ele arcasse com metade do valor das mensalidades.

No início, isso não afetou Sophie. Março virou abril, que virou maio, que virou junho, Shaun e ela foram se aproximando e suas vidas

ficaram mais e mais entrelaçadas. Então Sophie conheceu os gêmeos de Shaun, que a deixaram colocá-los na cama, contar histórias e pentear seus cabelos. E aí vieram as férias de verão, e os dois passaram ainda mais tempo juntos, então uma noite, em meio a uns drinques em um terraço com vista para o Tâmsa, Shaun disse:

— Vem comigo. Vem comigo pra Maypole House.

A reação instintiva de Sophie foi dizer não. Não, não, não, não, não. Ela era londrina. Independente. Tinha uma carreira sólida. Vida social. Sua família morava em Londres. Mas, quando julho se transformou em agosto, Sophie se deu conta de que a partida de Shaun se aproximava. O tecido de sua vida começou a se esticar, e então ela mudou de ideia. *Talvez, pensou, fosse bom morar no interior.* Talvez pudesse se concentrar mais no trabalho, sem todas as distrações da vida na cidade. Talvez gostasse de ser companheira do diretor da escola, do prestígio de ser a primeira-dama de um lugar tão exclusivo. Ela foi visitar a escola com Shaun, caminhou pelo chalé e sentiu a solidez quente dos ladrilhos de terracota sob os pés, a fragrância exuberante de rosas selvagens, de grama recém-cortada, de jasmim aquecido pelo sol através da porta dos fundos. Abaixo de uma janela no corredor, avistou o espaço perfeito para sua escrivaninha, com vista para o terreno da escola. *Tenho trinta e quatro anos, pensou ela. Em breve, vou fazer trinta e cinco. Estou sozinha há muito, muito tempo. Talvez eu devesse fazer algo absurdo.*

E então ela disse sim.

Shaun e ela aproveitaram ao máximo cada minuto de suas últimas semanas em Londres. Foram a todos os terraços no sul da cidade, experimentaram todo tipo de culinária étnica, foram a cinemas drive-in, vagaram por feiras *pop-up* de comida, fizeram piqueniques no parque ao som ambiente de música urbana, sirenes e motores a diesel. Passaram dez dias em Maiorca, em um Airbnb descolado no centro de Palma, com uma varanda que tinha vista para a marina. Passaram os fins de semana com os filhos de Shaun e os levaram para correr em South Bank por entre as fontes, para almoçar ao ar livre no Giraffe e



no Wahaca, para visitar o Tate Modern, para brincar nos parquinhos em Kensington Gardens.

Por fim, ela deixou seu apartamento de um quarto em New Cross para um amigo, cancelou a academia, se despediu do grupo de escritores de terça à noite, embalou algumas caixas e se juntou a Shaun no meio do nada.

E agora, enquanto o sol raia no topo das árvores altas, espalhando manchas no tecido escuro de seu vestido e no chão sob seus pés, Sophie começa a experimentar o início da felicidade, uma sensação de que essa decisão pode, de fato, ter sido uma magia do destino se desenrolando, de que eles deveriam estar aqui, de que isso será bom para ela, para os dois.

Shaun leva as coisas do almoço para a cozinha. Ela ouve a torneira e o barulho dos pratos sendo colocados dentro da pia.

— Vou dar uma volta — grita ela para Shaun pela janela aberta.

Ela se vira para colocar o trinco no portão ao sair do jardim dos fundos, e seu olhar é atraído por algo pregado na cerca de madeira.

Um pedaço de papelão, parece uma aba arrancada de uma caixa.

Rabiscadas com um hidrocor e junto a uma seta apontando para a terra estão as palavras “Cave aqui”.

Por um momento, ela encara o aviso com curiosidade. *Talvez*, ela pensa, *sejam as sobras de alguma caça ao tesouro, um jogo ou um exercício do workshop “meio Glee” que está terminando hoje. Talvez*, ela pensa, *seja uma cápsula do tempo.*

Mas então outro pensamento lhe ocorre. Um repentino déjà-vu. A certeza de que ela já viu exatamente aquilo: uma placa de papelão pregada em uma cerca. As palavras “Cave aqui” em hidrocor preto. Uma seta apontando para baixo. Ela já viu isso.

Mas não lembra de jeito nenhum onde foi.

# 3

JUNHO DE 2017

A mãe de Zach é mais velha que Kim. Zach é seu filho mais novo; ela tem mais quatro, todas meninas, todas muito mais velhas do que ele. Seu nome é Megs. Ela recebe Kim à porta com shorts cargo, uma blusa larga de linho verde, óculos escuros na cabeça, nariz queimado de sol.

— Kim — diz ela. Então se vira imediatamente para Noah e sorri. — Olá, meu lindinho. — Faz carinho no queixo dele e depois olha para Kim. — Tudo bem?

— Você viu as crianças? — pergunta Kim, apoiando Noah no outro lado do quadril. Ela foi até lá sem o carrinho, está calor e Noah é pesado.

— Está falando da Tallulah? E do Zach?

— Estou. — Ela troca Noah de lado novamente.

— Não. Eles estavam com você, não?

— Não, eles foram ao pub ontem à noite, mas não apareceram até agora e também não atendem o celular. Achei que poderiam ter voltado pra cá.

— Não, voltaram não. Só eu e Simon estamos aqui. Quer entrar? Eu estava descansando lá atrás. Podemos tentar ligar pra eles de novo.

No quintal dos fundos, Kim põe Noah no gramado ao lado de um brinquedo de plástico no qual ele tenta se apoiar. Megs pega o celular e digita o número do filho. O marido dela, Simon, acena para Kim secamente, e depois se volta para o jornal. Kim sempre teve a horrível

sensação de que Simon a acha atraente e de que aquele jeitão ríspido foi a forma que ele encontrou para lidar com tamanho desconforto.

Megs franze a testa e encerra a ligação.

— Direto pra caixa postal — diz ela. — Deixa eu ligar pro Nick.

Kim olha para ela, confusa.

— Sabe o barman do Ducks? Peraí. — Ela toca a tela do celular com unhas de acrílico azuis. — Nick, meu bem, é a Megs. Como você está? Como está a sua mãe? Que bom, que bom. Escuta, você estava trabalhando ontem à noite? Por acaso você não viu o Zach lá no bar, viu?

Kim observa Megs acenar bastante com a cabeça, ouve-a fazer “uhum” várias vezes. Puxa um punhado de terra da mão de Noah quando ele está prestes a enfiá-lo na boca e aguarda pacientemente.

Por fim, Megs desliga.

— Pelo visto — diz ela —, Zach e Tallulah foram pra casa de alguém depois do pub, alguém que Tallulah conhece da faculdade.

— Sim, eu sei. Mas tem alguma ideia de quem seja?

— Scarlett alguma coisa. E uns outros. Nick ficou com a impressão de que não era na cidade. Foram de carro.

— Scarlett?

— Isso. O Nick disse que ela é uma das garotas ricas da Maypole.

Kim assente. Nunca ouviu falar de Scarlett. Mas Tallulah não fala muito sobre a faculdade. Quando está em casa, Noah é praticamente o único assunto entre elas.

— Mais alguma coisa? — pergunta ela, puxando Noah de volta para o colo.

— Isso era tudo o que ele sabia, infelizmente. — Megs sorri para Noah e estende os braços em sua direção, mas ele se aconchega em Kim, que vê o sorriso de Megs vacilar. — Será que a gente devia se preocupar?

Kim dá de ombros.

— Sinceramente, não sei.

— Já tentou ligar pros amigos da Tallulah?

— Não tenho o número deles. Estão todos no celular dela.

Megs suspira e se recosta na cadeira.

— Estranho — comenta ela. — Se não fosse pelo bebê, eu diria que eles acabaram dormindo em algum lugar. Eles são muito novos, e só Deus sabe o que eu fiz nessa idade. Mas eles são tão dedicados ao Noah, né? Parece meio...

— Eu sei — concorda Kim. — Pois é.

Kim gostaria que ela e Megs fossem mais próximas, mas Megs nunca pareceu botar muita fé em Zach e Tallulah enquanto casal, e depois que Noah nasceu ela se afastou por um tempo, agindo como uma tia distraída nas poucas visitas que fazia. Ela perdera a oportunidade de criar laços com Noah, que sabe quem ela é mas não entende a importância dela.

— De qualquer forma — diz Kim —, vou procurar saber alguma coisa dessa tal Scarlett. Ver o que consigo achar. Mas, com sorte, nem vou precisar. Se tudo der certo, eles vão estar em casa quando eu voltar, com cara de arrependidos.

Megs sorri.

— Quer saber — diz ela, animada, seu tom de voz dando a entender que não está preocupada e só quer voltar a relaxar no sol do jardim —, aposto que eles já estão lá.

No quarto de Tallulah, Kim vasculha o conteúdo de sua mochila. A filha está estudando serviço social. A maior parte do curso é feita em casa, e ela só precisa ir à faculdade três vezes por semana. Às vezes, Kim fica na janela que dá para a rua e a observa no ponto de ônibus, sua filhinha tão jovem com as roupas casuais de faculdade, o cabelo preso, segurando uma pasta contra o peito. Ninguém imaginaria que ela tem um filho em casa, ela parece tão nova.

Na bolsa, Kim encontra um *planner* e o folheia. Está todo escrito, cheio do garrancho de Tallulah — quando estava no ensino fundamental, ela começou a escrever com a mão esquerda e se forçou a usar a direita para se sentir aceita. Não adianta procurar números de

celular, ninguém mais os anota, mas talvez o nome de Scarlett apareça em alguma lista de turma ou algo assim.

E eis que, colada e dobrada no verso do *planner*: “Contatos dos Alunos.” Kim examina a lista rapidamente, o dedo pousando no nome “Scarlett Jacques: Comitê de Planejamento de Eventos Estudantis”.

E ali está o e-mail dela.

Kim digita uma mensagem na mesma hora:

*Scarlett. Aqui é a Kim, mãe da Tallulah Murray. A Tallulah não voltou pra casa desde que saiu ontem à noite e não atende o celular. Você teria alguma ideia de onde ela possa estar? Um amigo disse que ela estava com uma pessoa chamada Scarlett. Por favor, me ligue neste número o mais rápido possível. Muito obrigada.*

Ela clica em enviar. Em seguida, expira e pausa o celular no colo.

Lá embaixo, a porta da frente se fecha. São duas da tarde, deve ser o filho, Ryan, chegando do trabalho. Ele trabalha na mercearia da cidade todos os sábados e está juntando dinheiro para suas aguardadas férias de verão em Rodes, em agosto, a primeira sem a mãe, apenas com os amigos.

— Eles voltaram? — pergunta ele lá de baixo.

— Não — grita ela de volta.

Ela o ouve largar as chaves em alguma superfície, jogar os tênis na pilha de sapatos perto da porta e subir a escada correndo.

— Sério? — pergunta ele. — Eles ligaram?

— Não. Nem uma palavra sequer.

Conta a ele sobre a ligação de Megs para Nick no pub e sobre a garota chamada Scarlett quando seu celular toca com uma chamada de um número desconhecido.

— Alô.

— Ah, oi. É a mãe da Lula?

— Sim, oi, é a Kim.

— Oi. É a Scarlett. Acabei de ver o seu e-mail.

O coração de Kim começa a disparar dolorosamente.

— Ah — diz ela —, Scarlett. Obrigada. Eu só queria saber...

Scarlett a interrompe.

— Eles estavam na minha casa — diz ela. — Saíram por volta das três da manhã. Isso é tudo que eu posso dizer.

Kim hesita por um instante e joga a cabeça ligeiramente para trás.

— E eles estavam... Eles ... disseram pra onde estavam indo?

— Disseram que iam pegar um táxi pra casa.

Kim não gostou do tom de voz de Scarlett. Ela tem uma voz cortante e fria, característica de gente esnobe. Também parece desinteressada, como se estivesse descendo de nível ao falar com Kim.

— E eles pareciam bem? Quer dizer, eles beberam muito?

— É, acho que sim. A Lula estava passando mal. Foi por isso que eles foram embora.

— Ela vomitou?

— Vomitou.

Kim imagina sua menina franzina e gentil curvada sobre um caneteiro, e bate uma tristeza.

— E você viu os dois? Entrando em um táxi?

— Não. Eles só saíram. Foi isso.

— E... desculpe, mas onde você mora, Scarlett? Só pra eu poder perguntar nas empresas de táxi.

— Dark Place — responde ela. — Perto de Upley Fold.

— E o número?

— Sem número. Só isso. Dark Place. Perto de Upley Fold.

— Ah — diz Kim, circulando as palavras escritas no papel. — Ok. Obrigada. E, por favor, se souber de alguma coisa sobre qualquer um deles, pode me ligar. Na verdade, não sei se você e a Tallulah são muito amigas...

— Não muito — interrompe Scarlett.

— Sim, bem, ela não é do tipo que simplesmente desaparece e não volta pra casa. E ela tem um filho, você sabe.

Há uma breve pausa do outro lado da linha.

— Não. Eu não sabia disso.

Kim balança levemente a cabeça, tenta imaginar como Zach e Tallulah poderiam ter passado uma noite inteira com essa garota sem mencionar Noah uma única vez.

— Bem, sim. Ela e o Zach têm um filho de um ano. Por isso, não voltar pra casa é um problema grave.

Outro silêncio se instaura, e, em seguida, Scarlett diz:

— Certo. Bom... é.

— Me liga, por favor, se souber de alguma coisa.

— Ligo — diz Scarlett. — Claro. Tchou.

E então encerra a ligação.

Kim encara o celular por um momento. Em seguida, olha para Ryan, que assistia à cena com curiosidade.

— Estranho — comenta Kim. Ela repassa os detalhes da ligação para o filho.

— Que tal a gente ir de carro até lá? — sugere ele. — Até a casa dela.

— Da Scarlett?

— É — diz Ryan. — Vamos pra Dark Place.

AUTORA DE A FAMÍLIA PERFEITA, LISA JEWELL TRAZ  
MAIS UM SUSPENSE EMOCIONANTE E REPLETO DE  
REVIRAVOLTAS QUE VÃO DEIXAR O LEITOR PRESO ATÉ  
A ÚLTIMA PÁGINA

É uma linda noite de verão no interior da Inglaterra quando Tallulah e Zach decidem ir para um pub pela primeira vez desde o nascimento de seu filho, Noah. Eles não desejavam ser pais aos dezenove anos, mas, desde que Noah nasceu, o casal tem se dedicado com afinco ao bebê.

Os dois estão ansiosos para uma noite de descanso — principalmente Zach, que planeja uma surpresa para a namorada —, porém, ao chegar lá, eles encontram Scarlett, uma amiga de faculdade de Tallulah, e os planos do casal mudam. A garota os convida para uma festa em sua mansão, conhecida como Dark Place, uma propriedade enorme e famosa na cidade. Mas algo acontece, e Tallulah e Zach não voltam para casa.

Desde então, a mãe de Tallulah, Kim, luta para juntar as peças e descobrir o que houve. Todos os presentes naquela noite dizem não ter visto nada anormal, a polícia não tem nenhuma pista e até a mãe de Zach não parece muito preocupada e está convencida de que o casal fugiu para escapar das responsabilidades parentais. Mas Kim tem certeza de que algo grave aconteceu com eles. Por que dois jovens responsáveis e tão dedicados à família abandonariam o filho?

Um ano após o desaparecimento de Tallulah e Zach, Sophie, uma escritora de romances policiais, se muda para uma cabana próxima ao local onde o casal desapareceu. Um dia, ao sair de casa, ela encontra uma placa pregada na cerca de madeira, com as palavras “Cave aqui” e uma seta apontando para o chão. Seria isso uma pista do desaparecimento dos jovens? E quem teria colocado a placa ali? Segredos capazes de mudar tudo serão revelados — e nada é o que parece.

**SAIBA MAIS:**

<https://intrinseca.com.br/livro/a-noite-em-que-ela-desapareceu/>